Militante do prazer

Depois de liderar a lista dos campeões de vendagem, o terapeuta Roberto Freire lança novo livro explorando o erotismo

Guru da contracultura tropical, anarquista graças a Eros na militância pelo prazer, criador da Somaterapia, uma terapia alternativa que junta capoeira com Reich, Roberto Freire é aos 64 anos uma usina de energia criativa. Autor de 14 livros — entre eles um romance que fez barulho nos anos 60, *Cléo e Daniel*, e os campeões de vendagem *Sem tesão não há solução*, de 1987, na 14º edição, e *Ame e dê vexame*, que, lançado há mais de um ano, ainda figura nas listas dos *best-sellers*, o escritor, dramaturgo e terapeuta volta à tona com mais um volume de sua obra anárquica: o primeiro tomo de *Histórias curtas & grossas* (editora Guanabara Koogan), que lança na Bienal do Livro, no Rio de Janeiro, a partir do dia 28.

No novo livro, o inquieto Freire junta todos os contos e novelas que escreveu até hoje sublinhados por um vigoroso erotismo. "Tive a intenção de fazer uma obra mais livre na parte afetiva e erótica, pois senti uma certa auto-censura nos outros livros que escrevi", confessa, antes de sentenciar: "O erotismo vivido é normal, o mental é que é perigoso." Há cinco anos, Roberto Freire escreve literalmente às cegas, com uma lapiseira suíça e papel, mas sem ver o que está produzindo na hora. Em 1986, sofreu descolamento das retinas dos dois olhos, ficou cego um ano, mas conseguiu, depois de várias cirurgias, recuperar a visão do lado esquerdo. "Com o olho direito só vejo luz e sombra, o que já dá certa profundidade", brinca o escritor, que revisa os originais datilografados pela secretária com uma enorme lupa.

> *"Não existe a morte, mas o fim da vida. A não-realização da vida é a fonte de todas as nossas neuroses"*

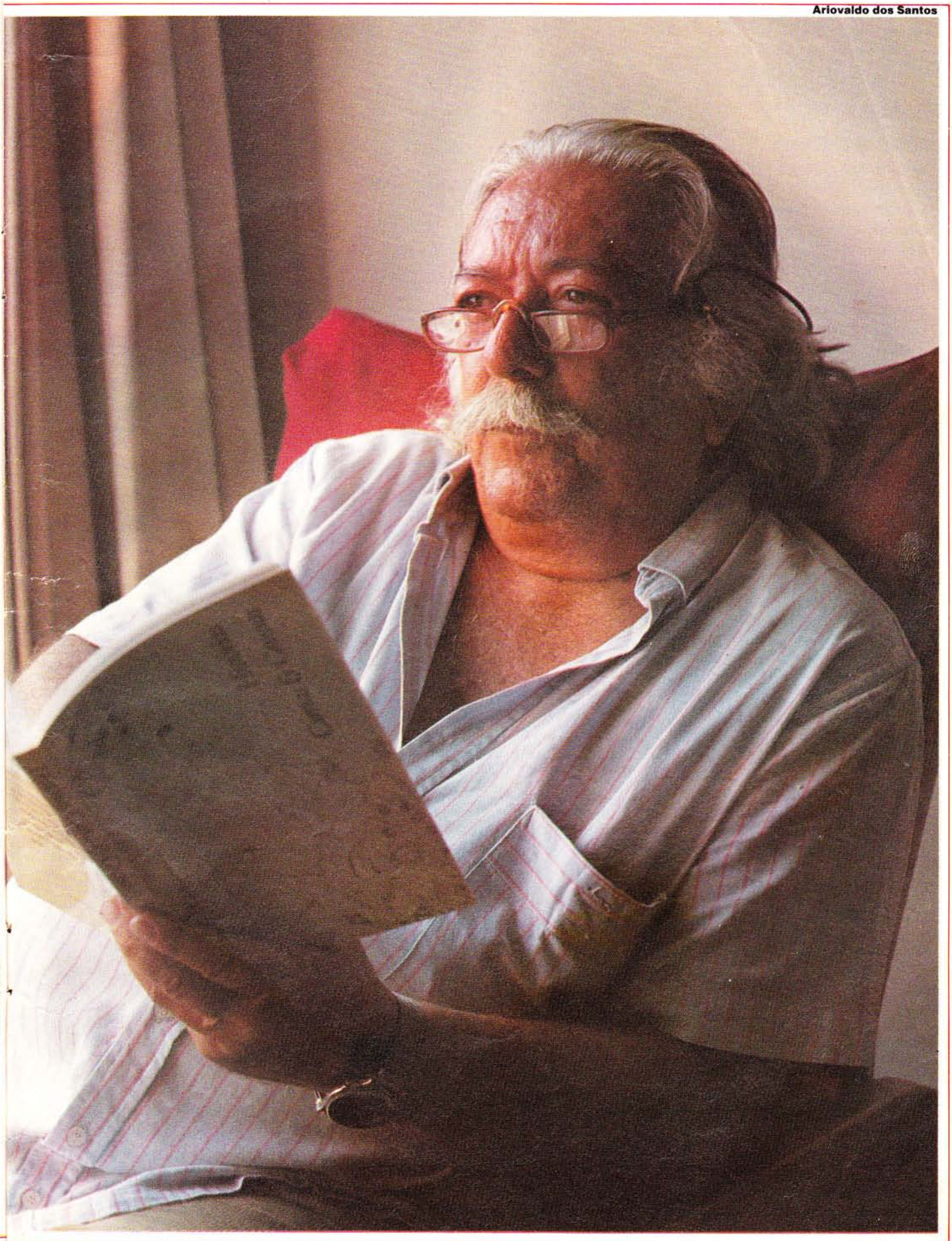
ESTRADA DA DISSIDÊNCIA. O anarquista somático Roberto Freire atribui a momentânea cegueira às muitas pancadas que recebeu da polícia durante as 13 prisões a que foi submetido desde o golpe militar de 1964 até a decretação da anistia em 1979. A primeira e mais longa prisão durou quatro meses. Na última, teve que ficar em pé durante 48 horas, na sala de uma delegacia. Bem antes de ser encarcerado, porém, já havia escolhido a estrada da dissidência. Paulistano do bairro do Bexiga, Roberto Freire formou-se em medicina no Rio, em 1952, contra a vontade. "Meu sonho era ser escritor e trompetista, mas, com um avô e tio médicos, fui obrigado a seguir a carreira." Formado, ganhou uma bolsa da Unesco e foi fazer pesquisa em biofísica em Paris, no Collège de France.

De volta ao Brasil, em 1955, casou com uma médica e foi clinicar. Mas logo abandonou tudo pela psiquiatria e, em seguida, pela psicanálise. Fez formação analítica com o psicanalista austríaco Henrique Sholomann durante alguns anos, até incorrer na dissidência outra vez. Descobriu que não concordava com a teoria freudiana, principalmente com o conceito de instinto de morte. "Para mim não existe morte, mas o fim da vida. E a não-realização da nossa vida é a fonte das neuroses", afirma o terapeuta, que abandonou a psicanálise em 1963. Sua dissidência com a escola freudiana tinha também razões políticas. "Eu já era um socialista libertário e achei que a psicanálise era elitista, com uma visão burguesa da vida que só servia às classes altas."

NO DIVÃ DO PALCO. Antes de descobrir que a psicanálise não era a sua praia e se sentir um anarquista visceral, com muita leitura de Malatesta e Bakunin, o analista Roberto Freire já tinha revelado seus dotes de dramaturgo. Participante do famoso núcleo do Teatro de Arena, em São Paulo, ele teve encenada sua primeira peça, *Quarto de empregada*, em 1958, seguindo-se *Gente como a gente*, dirigida por Augusto Boal. Sua ligação com o palco era tão intensa que, em 1963, aceitou ser diretor do Serviço Nacional de Teatro. Acumulava o cargo com a direção do jornal radical *Brasil Urgente*, da esquerda católica, editado com o apoio dos padres dominicanos. As duas militâncias lhe valeram sua primeira prisão, um ano depois.

Foi na cadeia que escreveu o primeiro esboço do romance *Cléo e Daniel*, uma história de amor dos anos 60 e seu primeiro sucesso literário. O livro, que está na 18ª edição, foi lançado em 1966, um ano-chave na vida do escritor. Nessa época, o já múltiplo Roberto Freire foi trabalhar como jornalista na legendária *Realidade*, da Editora Abril, onde ficou até 1969. Foi lá que escreveu perfis de personalidades como Pelé e Roberto Carlos e chegou a ganhar um Prêmio Esso com a reportagem *Meninos do Recife*.

No mesmo ano de *Cléo e Daniel*, fundou o Tuca, Teatro da Universidade Católica, em São



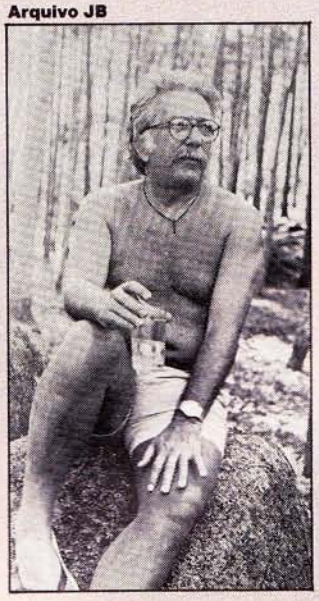
Ariovaldo dos Santos

ÁLBUM

Tempos de anarquia e desbunde

Menino do Bexiga (abaixo), Freire estreou com* Cléo e Daniel, *um sucesso que a noite de autógrafos em 1966 (D) não anunciava e que abriu caminho para* Utopia e paixão *e* Ame e dê vexame, *dois* best-sellers *de quem prega o prazer do amor e do copo

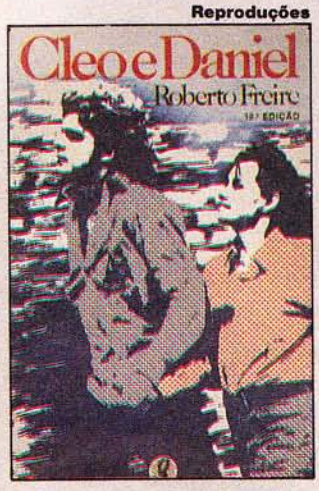
Arquivo JB

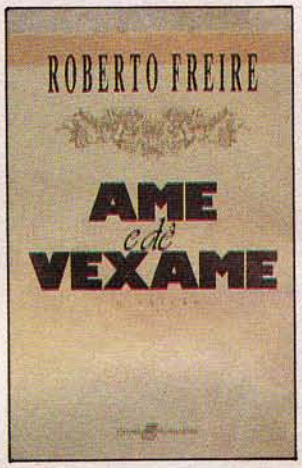


Arquivo JB

Álbum de família

Reproduções





AUTO-RETRATO

Nome — Joaquim Roberto Corrêa Freire.

Data de nascimento — 18 de janeiro de 1927.

Signo — Capricórnio.

Hobby — "Tenho muitos. O principal é o futebol, que joguei a vida toda, na meia-esquerda. Tive que parar por causa do infarto que sofri em 1975, mas sou um torcedor apaixonado do São Paulo."

Mania — Pelo compositor Gustav Mahler. "Tenho toda a sua obra, com todos os tipos de interpretações e orquestras, e pertenço até a uma sociedade internacional de admiradores de Mahler, sediada na França."

Vício — O álcool. "Basicamente uísque e vodka."

Livro — Toda a obra de Henry Miller, os livros de James Baldwin, *O Quarteto de Alexandria*, de Lawrence Durrell, e a obra de Érico Veríssimo.

Música — "Caetano Veloso e o compositor e poeta anarquista francês Leo Ferré."

Mito — "Prometeu. É o mito da liberdade do homem, do desenvolvimento dos seus poderes."

Terapia — Somaterapia. "Uma terapia anarquista que eu inventei há 20 anos."

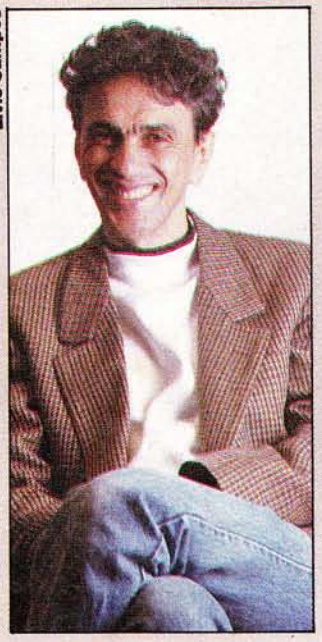
Partido — "Sou um velho anarquista. Não acredito em nenhum partido."

Dramaturgo — Bertolt Brecht. "Entre nós, Guarnieri e Ariano Suassuna."

Psicanalista — "Apesar de não acreditar na psicanálise, sempre tive grande admiração pelo falecido Hélio Pellegrino."

Paixão — "Sou apaixonado por tudo — pelo mar, pelas mulheres, pela literatura. Sempre digo que o amor é biológico e a paixão, uma criação do homem."

Lívio Campos



Caetano Veloso e o dramaturgo alemão Bertolt Brecht são admirações do escritor

Paulo, responsável pela célebre montagem de *Morte e vida severina*, do poeta João Cabral de Melo Neto, com música de Chico Buarque, que estava se lançando como compositor. Roberto Freire era o diretor artístico da peça, uma criação coletiva dirigida por Silney Siqueira, que acabou premiada num festival em Nancy, na França. "Ele foi o guru intelectual de toda uma nova geração", diz Silney, que trabalhou depois em três peças de Freire: *O e A*, *Quarto de empregada* e *Presépio na vitrine*. "Ele conseguia ser médico, poeta, dramaturgo e terapeuta ao mesmo tempo, influenciando todo mundo."

INTELIGENTE DEMAIS. Roberto Freire foi também um pioneiro na televisão. Em 1965, na TV Record de São Paulo, escreveu uma das primeiras telenovelas do país, *Renúncia*, com um imberbe Francisco Cuoco no elenco. Quando preparava a novela *Eu e a moto*, baseada numa reportagem que tinha feito na revista *Realidade*, Freire descobriu que ela estava sendo escrita por outra pessoa. Processou a TV Record por apropriação indébita — e ganhou. Mas acabou sendo demitido por José Bonifácio Oliveira Sobrinho, o Boni, atual superintendente da Rede Globo. "Ele alegou que eu era muito inteligente para fazer novela."

O mesmo Boni, já na Globo, o chamou de volta à TV, em 1974, para criar os personagens e os primeiros capítulos do seriado *A grande família*, redigida depois por Oduvaldo Vianna Filho e Paulo Pontes. O irrequieto Roberto Freire se envolveu ainda com cinema, em 1970, numa desastrosa direção do filme *Cléo e Daniel*, com Irene Stefânia e Chico Aragão. Não foi a única trapalhada. Desde 1966 jurado de todos os Festivais Internacionais da Canção (FIC), promovido pela Globo, acabou invadindo o palco em 1978 para ler um manifesto de protesto contra a emissora pela demissão do júri presidido por Nara Leão. "Eles temiam a escolha da música *Cabeça*, de Walter Franco", revela.

Por essas e outras ficou com a fama de louco. "Por ter o mesmo nome do presidente do Partido Comunista Brasileiro, Roberto Freire, sempre me perguntam se eu sou o político ou o louco", conta. "Ele é o louco mais lúcido que existe neste Brasil", elogia o escritor Ignácio de Loyola Brandão, que conhece o terapeuta desde os tempos de sua militância no jornalismo.

Em 1971, o "demente" Roberto Freire foi para Europa, descobriu as teorias bioenergéticas do alemão Wilhelm Reich e voltou a clinicar. "Isso mudou de novo minha vida." De volta ao Brasil, se juntou por quatro anos ao grupo de pesquisa teatral Centro de Estudos Macunaíma, de São Paulo, e influenciado pelas teorias reichianas, pela antipsiquiatria do inglês David Cooper e pelas técnicas do alemão Fritz Perls, criador da gestalterapia, começou a desenvolver a somaterapia. "Eu trabalho com a totalidade do corpo, com a bioenergia que atua no corpo e mente", sinaliza Freire, que escreveu dois livros teóricos para explicar suas idéias — *Soma, uma terapia anarquista, alma é o corpo*, complementado pelo volume *A arma é o corpo*.

GURU DO DESBUNDE. "A soma é uma terapia de grupo, de base socialista, que só serve para quem tem um espírito revolucionário", define. Trinta discípulos, espalhados pelo país, hoje já se dedicam a difundir os ensinamentos do mestre e sua técnica de terapia breve, de prazo fixo, com duração de um ano apenas. "Meu método é à flor da pele, e depois de um ano não há mais nada para ser ensinado", frisa o terapeuta. Parte dessas teorias, nas quais a dependência não tem vez, começaram a ganhar forma em Visconde de Mauá, ninho de hippies desbundados nos anos 70. Foi lá que, em 1977, Freire comprou uma pousada e depois um sítio, onde passou a promover os primeiros encontros terapêuticos em contato com a natureza. "Junto da água do rio, com a mata e o ar, os encontros tinham o poder de acelerar a terapia."

> *As maratonas de Freire eram adubo para o desbunde. Depois delas, até executivos abandonavam o emprego*

Não havia adubo melhor para o desbunde. As maratonas de somaterapia promovidas por Roberto Freire se sucediam levas de executivos abandonando o emprego, professores universitários esnobando a cátedra. "Minha terapia é dirigida no sentido de as pessoas conseguirem viver fora do sistema e terem energia de viver o seu desejo", justifica. Ele mesmo é um bom exemplo de sua terapia alternativa. Casado durante 18 anos, com três filhos maiores, todos músicos, o médico anarquista abandonou a família e a profissão para assumir visceralmente seu desejo de realização artística. "De todos os gurus nacionais, o que teve a sacada mais política foi ele, ao formular a questão da contracultura e do anarquismo", reconhece a reichiana paulista Regina Favré.

Depois de sofrer um enfarte em 1975, de montar e desmontar clínicas, de escrever um segundo romance, *Coiote*, em 1986, onde assinala que o amor só é possível num cotidiano anárquico, Roberto Freire sente que está pronto para fazer um balanço. Morando sozinho em Ilha Bela, no litoral norte paulista, numa casa incrustada num penhasco a 70 metros do mar, e podendo agora viver exclusivamente de direitos autorais, o eterno anarquista prepara as suas memórias: *Os cúmplices*, um romance cíclico, em quatro volumes, sobre a sua geração, com um painel político e cultural do país de 1963 até hoje. "Sem a busca da beleza, da alegria e do prazer não é possível viver de verdade", ensina.

ROBERTO COMODO (São Paulo)